

**33º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**

**Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**

Grupo de Trabalho 07: Corpo, Biotecnologia e Subjetividade

***O “Sujeito Desejante”*: discussão antropológica acerca do  
processo psicanalítico lacaniano e sua concepção de Pessoa**

*Maria Carolina de Araujo Antonio*

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social  
Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR

**Caxambu, MG**

**2009**

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Este estudo constitui parte da etnografia realizada na cidade de Londrina-Pr acerca da psicanálise lacaniana e o modelo de subjetivação operado no processo terapêutico. A psicanálise é analisada não só pelo viés da institucionalização e difusão de um saber terapêutico, mas como um sistema de pensamento operacionalizado e incorporado pelos indivíduos que o demandam, constituindo fenômeno característico de um contexto sócio-cultural específico, a saber, cultura ocidental moderna<sup>2</sup>. Assim, a observação recai sobre o mecanismo de organização do processo psicanalítico, à articulação clínica dos conceitos teóricos aplicados no procedimento terapêutico<sup>3</sup>, bem como sobre o entendimento acerca da significação que a demanda opera na elaboração, (re)articulação e assimilação dos aparatos significativos dessa psicoterapia na (re)organização subjetiva do sofrimento.

Entendemos o social como sobredeterminante à esfera psicológica, o que possibilita questionamentos acerca de modelos sociais de subjetivação. Busca-se compreender qual a relação entre a noção de sofrimento e os mecanismos de explicação e significação deste, e o contexto social e cultural em que se insere a psicanálise enquanto terapêutica. Este presente artigo concentra-se na compreensão dos processos de construção e significação da Pessoa<sup>4</sup> e sua articulação com mecanismos sócio-culturais operados pela psicanálise.

---

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

<sup>2</sup> Trabalho com a concepção genérica de cultura ocidental moderna conforme analisado por Louis Dumont, que busca entender as transformações nas bases sócio-econômicas do Ocidente comparada a outras sociedades ou a outras etapas históricas no próprio Ocidente. A ideologia moderna, baseada no modelo individualista de concepção de Pessoa, é entendida como um sistema cultural dominante, mas que abarca variações locais. A etnografia busca minimizar o risco de generalizações exacerbadas, possibilitando que o particularismo e a generalização das análises se corrijam mutuamente. Assim, localizo o objeto de análise, uma clínica psicanalítica na cidade de Londrina-Pr, como sendo mediado pelo sistema ideológico de cunho filosófico, político e cultural referente à sociedade ocidental moderna.

<sup>3</sup> Por ‘terapêutico’ entende-se os recursos que uma sociedade dispõe aos indivíduos que considera física ou mentalmente doentes. Tal categoria abarca práticas como medicina, psicanálise, umbanda, homeopatia, etc. (Figueira, 1978).

<sup>4</sup> Um dos primeiros textos sobre a análise da construção social da Pessoa é de Mauss, “*Uma Categoria Do Espírito Humano: A Noção de Pessoa, A de “Eu”*” (1938). A noção de Pessoa aparece aqui pela primeira vez como uma categoria universal do entendimento. O autor anuncia as bases que a categoria de Pessoa vai assumir na sociedade moderna, como noção psicologizada a partir da relação entre Pessoa e consciência moral, ou seja, a noção de Eu ocidental. Assim, Mauss fornece a preciosa assertiva de que a vida psíquica de um indivíduo seria tradução de uma realidade sociológica.

A etnografia aqui apresentada refere-se não só as pessoas que fazem *análise*<sup>5</sup>, mas também aos psicanalistas de uma clínica Freud-Lacanianiana<sup>6</sup> situada em Londrina. Ao todo foram entrevistados sete *analistas*<sup>7</sup> e quatro psicanalistas. No entanto, não me foi possível delimitar o campo de observação a um único espaço, ou seja, não pude ter acesso aos *pacientes* da clínica em questão. No início considerei este fato como um entrave metodológico mas, por fim, acabou se constituindo valioso dado etnográfico, pois essa impossibilidade expressa à rígida posição ética que estrutura a relação *analista/analista*, baseada na descrição, confiança, impessoalidade, confidencialidade e neutralidade, elementos essenciais para o entendimento do universo clínico psicoterápico. Assim, a etnografia divide-se em duas partes entrelaçadas: uma referente às pessoas que fazem *análise*, e outra à clínica e aos psicanalistas. Neste artigo, apresento de forma mais detalhada, as narrativas dos psicanalistas entrevistados.

Busca-se a apreensão das implicações existentes entre a clínica proposta por Lacan e as especificidades dessa teoria e prática *analítica* em relação a atribuição de sentido ao sofrimento psíquico e à constituição de uma noção de Pessoa. As específicas concepções psicanalíticas de doença, saúde, sintoma e cura estão problematizadas de acordo com a articulação simbólica manejada no/pelo processo terapêutico. A demanda por determinada terapêutica permite o acesso a modelos culturais operados em um contexto social que articula determinados modelos de subjetivação a categorias de sentimentos entendidos como sofrimento subjetivo<sup>8</sup>. De acordo com Cardoso (2003), as aflições pessoais não podem ser analisadas como constituindo metáforas de uma

---

<sup>5</sup> As palavras e/ou frases em *italico* ao longo do texto se referem ao campo semântico nativo e/ou palavras em idioma estrangeiro.

<sup>6</sup> Lacan elaborou sua teoria sobre a proposta básica de um retorno a Freud, desenvolvendo uma releitura e uma reordenação dos conceitos fundamentais da psicanálise. Segundo as psicanalistas da clínica observada, se diz psicanálise 'Freud-Lacanianiana' em referência ao famoso aforismo de Lacan pronunciado em seu último seminário em 1980: "Cabe a vocês serem lacanianos, se quiserem. Eu, eu sou freudiano".

<sup>7</sup> O termo '*analista*' refere-se à proposta lacanianiana de inverter o termo '*analizando*', usado pela psicanálise ortodoxa. Remete ao caráter ativo e presente do paciente no desenrolar da *análise*. Parte-se do pressuposto de que é o paciente quem detém o saber sobre seu inconsciente, cabendo ao psicanalista apenas um saber suposto sobre o mesmo. Nesse sentido, *analista* diz respeito a uma não passividade, ao caráter atuante e comprometido ao trabalho *analítico* assumido pelo paciente da psicanálise lacanianiana.

<sup>8</sup> Conceituo sofrimento subjetivo como sendo um sentimento sem significação precisa, referente à história pessoal de cada indivíduo; um sofrimento compreendido, significado e experienciado de forma idiossincrática, mas que, no entanto, estruturado de acordo com o campo semântico psicanalítico. Tal sofrimento foge ao campo nosográfico alocado na categoria de sofrimento psíquico enquanto psicopatologia ou doença mental, operando um deslizamento entre normal e patológico. Essa distinção se faz relevante pelo fato do sofrimento subjetivo não constituir demanda por um tratamento sintomático direto e objetivo, nem ser passível de cura imediata.

desordem social, mas sim pensadas a partir dos processos coletivos na qual se expressam, refletindo as aflições dentro do sistema social em que são significadas.

Em se tratando da tentativa de elaboração de uma Antropologia da Psicanálise, a etnografia não poderia se limitar a mera descrição de uma “psicoterapia” e seus mecanismos de funcionamento. A psicanálise se afirma como uma teoria social e cultural acerca da relação intrínseca entre indivíduo/sociedade, cultura/natureza e os fenômenos psíquicos. Nesse sentido, apresento aqui a análise dos elementos teóricos básicos do sistema de pensamento laciano, principalmente no que concerne a sua forma específica de definição de sujeito, subjetividade e sofrimento, tomando estes conceitos como ponte para se problematizar a relação entre este sistema de pensamento e os elementos da cultura ocidental.

A relação entre natureza e cultura e as versões sobre a passagem de uma esfera à outra variam de sociedade para sociedade. Cada qual elabora seus mitos originários que determinam a forma como o mundo se diferencia entre humanos e animais, e como tal divisão organiza as relações na vida social. Como nos mostra Lévi-Strauss (2003a), é a sociedade, remodelando as relações biológicas e os sentimentos naturais, que impõe aos seres tomar posições em estruturas que implicam a superação às determinações da natureza. O “processo de humanização” varia de sociedade para sociedade. Cada uma projeta nos seres, a partir de seu nascimento, processos e etapas para o acesso à condição humana. Para a psicanálise, nos animais o instinto prevê a satisfação total, mas o humano, para se constituir enquanto tal, fora levado a perder a possibilidade de tal satisfação absoluta, já que passa a ser determinado por um desejo insaciável.

Além disso, os ocidentais parecem se orientar pelo espectro de uma “qualidade inata”, entendida como “natureza humana”, que remete o humano como possuidor de uma ‘natureza’ imperfeita e sofredora, com desejos que ultrapassam seus poderes, e, por isso mesmo, tenderia a ambição, ao egoísmo, a avareza, necessitando se submeter a leis e normas coercitivas para evitar o caos e a guerra de todos contra todos. Essa tradição intelectual do Ocidente ignora a determinação cultural, reconhecendo no sujeito clássico da ciência política, o retrato de uma “natureza humana” universal. Como afirma Sahlins (2008), a cultura ocidental sustenta uma relação de hierarquia entre natureza e cultura, considerando a natureza o pólo inferior, ligado à bestialidade, violência e depravação

inata, por conta da submissão aos instintos; a cultura, o pólo superior, estaria ligada ao racional, a ordem, ao social, responsável por refrear os ímpetos ferozes que dirigem os instintos, evitando a disseminação de guerras e a desordem entre os homens<sup>9</sup>.

A psicanálise constitui sua teoria social dos fenômenos psíquicos a partir desta tradição intelectual. Pensando a relação entre sofrimento psíquico e cultura, Freud afirma ser intrínseca às relações humanas a tendência à agressividade presente nos indivíduos, sendo necessário a instauração da civilização, que coloca barreiras contra a liberdade dos instintos animalesco do homem; com isso, o modo como convivemos com a frustração de nossos desejos não só define quem somos, como foi à condição do surgimento da vida social.

### **O MAL-ESTAR ENQUANTO DESTINO SUBJETIVO**

A psicanálise utiliza a categoria *mal-estar* para designar o sofrimento subjetivo. Caracteriza-se como um sentimento vago, e não localizado, de desconforto, sendo um composto de sentimentos como tristeza, apatia, desencantamento, mágoa, aflição, insegurança, insatisfação, irritabilidade, ansiedade, introspecção, enfim, sentimentos negativos que de alguma forma atrapalham a vida da pessoa. A noção de *mal-estar* parece se alocar numa sensação proporcionada pela antinomia entre aquilo que é vivido, as experiências cotidianas, e o que é pensado, idealizado. Assim, alguns estados alocados no que se chama psicológico, pode assumir uma natureza patológica, que são experienciados como aquilo que é vivido de forma descontínua, não possibilitando ao pensamento dotar de sentido a experiência vivida<sup>10</sup>. As interpretações psicanalíticas parecem englobar experiências vividas em uma ordem de sentidos coerentes com a própria história do indivíduo. É visível na narrativa dos *analistas* a operacionalização de um vocabulário psicanalítico na explicação de seus sofrimentos e infortúnios, como se este já estivesse arraigado como mecanismo explanatório de eventos subjetivos.

O *mal-estar* aparece relacionado a questões subjetivas, idiossincráticas, de difícil

---

<sup>9</sup>Segundo Sahlins “There is nothing as perverse as our idea of human nature. It is a figment of our cultural imagination” (Sahlins, 2008:98).

<sup>10</sup> A condição humana, parece exigir uma totalização dos sentidos, que se daria pela articulação entre o vivido e o pensado, e o mito seria umas dessas formas que procurar articular as experiências sensíveis em uma lógica de pensamento. O mito filtra e organiza a experiência vivida enquanto uma função do intelecto, seja no pensamento ameríndio, seja no pensamento psicanalítico.

generalização e caracterização. Os *analistas* chegam à clínica com sentimentos que não sabem ao certo nomear e o que se busca são respostas para este estado psíquico que aparece ao indivíduo sem sentido ou significação. Não serve exatamente como categoria de “adoecimento” à psicanálise. Para Freud, o *mal-estar* não seria uma doença, mas um destino subjetivo. Todos teriam algum grau de comprometimento psíquico, já que não se considera a existência de uma estrutura “normal”, ou saudável, enfim, todos seriam/estariam acossados, de alguma forma, por um sofrimento, sendo o *mal-estar* estrutural à subjetividade. Segundo a psicanalista Beatriz, o *mal-estar* se coloca como uma questão a ser resolvida individualmente; advém de uma percepção negativa frente diversos eventos e relações da vida cotidiana,

*De um modo geral, é o trabalho que não vai bem, é o casamento que está no acaba/não acaba, é um namoro conturbado. Está sempre relacionado a esses campos do trabalho, vida afetiva, a incapacidade de se relacionar bem com alguma coisa, dificuldade de ser produtivo, de trabalhar; pessoas que às vezes tem uma mudança repentina na vida por adquirir algo que sonhava em ter um dia, como a casa própria, e isso desencadeia uma forte angústia, pois quando a vida melhora é ele quem fica pior; as vezes vêm pessoas porque um médico sugeriu que ela fizesse; ou tem quem chega falando que faz psicologia e por isso precisa fazer análise, mas aí começa e vai vendo que o buraco é muito mais embaixo, pois ninguém faz análise porque faz psicologia, sempre tem alguma questão que ela quer saber, que ela quer entender. O mal-estar é isso, alguma coisa que faz mal a pessoa, seja porque o namoro está uma “inhaca” e já é o 3º namoro que está indo pro brejo; ou porque não consegue saber se casa ou não casa; a perda de alguém, enfim, são as mais variadas queixas, mas todas elas coisas que promovem um mal-estar, e um mal-estar que não passa, não passou com remédio, não passou com a roupa nova que comprou, não passou com a promoção que recebeu, com o presente que ganhou do namorado.*

Como aponta a psicanalista Ana, as pessoas chegam à clínica com os mais variados sintomas, como anorexia, dificuldade sexual, dificuldades de relacionamento, mas são sempre queixas de alguma forma direcionada ao outro. Os *analistas* afirmam recorrer à *análise* devido à necessidade de um tempo e espaço onde possam *pensar mais em si mesmo*, para dessa forma *parar de depender dos outros para ser feliz*. A necessidade de autonomia frente ao outro, voltar o olhar e a atenção para si mesmo, construir e elaborar uma singularidade e individualidade seriam os mecanismos operados na/pela terapêutica como experiências subjetivas fundantes para a reorganização psíquica e alívio do sofrimento. Tornar-se protagonista da própria vida seria a estratégia de

cuidado de si manejada pela psicanálise, que afirma levar os indivíduos a (re)conhecer os próprios desejos, ao invés dos desejos do outro.

De acordo com Duarte (1998), a responsabilização íntima dos seres pela ocorrência de suas perturbações decorre linearmente do processo de interiorização e psicologização dos indivíduos, que coaduna-se com a noção de Pessoa ocidental moderna, cujo caráter é ao mesmo tempo autônomo, singularizado, interiorizado, dependente de um corpo de conhecimento e manipulação oriundo de saberes especializados, e mediados, pela expectativa se de ter reconhecido uma vontade interior, geralmente em relação conflitiva entre verdade objetiva e subjetiva, externa e interna.

Nesse sentido, a noção de Pessoa operada pelos indivíduos psicanalisados diz respeito menos a uma noção acabada, pois, além de “ser”, a Pessoa seria um constante devir, em vista de tornar-se “si mesmo” (Maluf, 1999). Esse subjetivismo estruturante aparece como possibilidade de conhecimento daquilo que supostamente determina o indivíduo.

De acordo com Birman (2005), a desarmonia entre desejo e satisfação desemboca no desamparo inevitável e incurável que, na concepção psicanalítica, impõe ao indivíduo a exigência de gestão de um *mal-estar*, resultante dos atravessamentos conflituosos impostos pelos laços sociais. Essa teoria de Freud tornou sua concepção de humano determinante para a história do pensamento ocidental moderno, pois, se a cultura passa a ser responsável pelas repressões dos desejos, os conflitos psíquicos seriam consequência do “contrato social”. Tal teoria estaria na base da teoria lacaniana do desejo, bem como das categorias de *falta estrutural* e *desejo metonímico* operadas no processo terapêutico e que servem de operador lógico à noção de Pessoa enquanto *sujeito desejante*.

## **A SUBVERSÃO DO SUJEITO: Eu, o Sujeito e o Outro**

Subsidiado teoricamente por Saussure, Jakobson, Lévi-Strauss e Hegel, Lacan formula uma noção de Pessoa propondo uma ruptura radical entre as noções de sujeito e de indivíduo. Utiliza o termo “constituição do sujeito” para se referir a um momento de surgimento, de ruptura com um estado anterior, marcado pela cisão do ser em consciente e inconsciente. Além disso, a psicanálise lacaniana subverte o sujeito cartesiano calcado no ‘eu’ como essência, uma vez que considera a noção de ‘eu’ como uma quimera que

investimos e perseguimos, uma representação imaginária. Antes de pensar, os indivíduos são pensados, carregando inconscientemente um simbolismo que os determina e os organiza, uma vez que se considera o sujeito como balizado por experiências que a ele pré-existem, experiências estas que se repetem para todo e qualquer sujeito social.

A organização do 'eu' encontra-se radicalmente diferenciada da noção de sujeito do inconsciente. Lacan vira Descartes ao avesso propondo que o pensamento do 'eu' seria mera racionalização consciente e, por isso mesmo, ilusória, imaginária, um engodo determinante da estrutura psíquica. A subversão operada por Lacan seria: "Penso onde não sou, logo, sou onde não me penso", ou seja, o sujeito psicanalítico não pode se abrigar onde pensar e ser coincidem. Retira-se a centralidade no 'eu' postulando a verdade de si em uma operação de esvaziamento de tudo o que é consciente e racional, o que possibilitaria a apreensão do inconsciente. (Roudinesco, 2008)

Assim, de acordo com o pensamento lacaniano, haveria uma divisão no ser, operada na/pela própria estrutura da língua: o eu [*je*] seria o sujeito, que tem o desejo como revelador da verdade de si e organizador do inconsciente; diferentemente do eu [*moi*], que seria o lugar da ilusão, do engodo resultante da consciência e imagem de si projetada pelos desejos do Outro<sup>11</sup>. Assim, se não há nada de próprio na imagem de si, a clínica lacaniana parece buscar re-adaptar o 'eu' à realidade, como se esta estivesse no campo das verdades inconscientes, permitindo ao indivíduo detectar, de forma menos agressiva e conflituosa, idéias e papéis sociais que lhe são determinados.

Segundo Safatle (2001), para Lacan nada pode separar o 'eu' de suas formas imaginárias internalizadas pela vida social, no entanto, o 'eu' seria como uma cebola que, ao ser descascada, encontrar-se-iam as identificações sucessivas que a formam. Este 'eu' imaginário se constitui na relação especular com o outro, numa imagem em que se

---

<sup>11</sup> O Outro seria a estrutura da linguagem, refere-se ao campo do social, da cultura, seria algo como o conceito de inconsciente de Lévi-Strauss, enquanto instância mediadora da relação entre eu e o outro. A linguagem em Lacan parece operar de forma independente, fora do controle do indivíduo, pois certas palavras e expressões que se apresentam enquanto o indivíduo fala ou escreve, nem sempre estão de acordo com a vontade do indivíduo (Fink, 1998).



reconhece, mas não se conhece, e nada pode revelar sobre quem realmente se é<sup>12</sup>. O ‘eu’ seria alienado, na medida em que é falado por uma linguagem organizada de acordo com as necessidades e prazeres canalizadas em formas socialmente determinadas pelas demandas dos pais (o Outro como demanda). É essa identidade alienante do ‘eu’ que marcará definitivamente o psiquismo da criança, na medida em que ela acredita assumir um lugar no desejo dos pais ao introjetar as imagens projetadas por eles sobre si como se fosse sua própria imagem. A noção de ‘eu’, que o indivíduo acredita estar no comando de si enquanto entidade autônoma e racional, se distorcida na psicanálise, que afirma haver uma lógica por de trás do ‘eu’, o discurso de um Outro que irrompe e interrompe o discurso do ‘eu’. As palavras falada sem intenção, escapadas, murmuradas ou truncadas surgem de algum outro lugar, uma outra instância que escapa ao ‘eu’. Freud chamou este lugar de inconsciente, já Lacan afirma que o inconsciente é o discurso do Outro, que não o ‘eu’. Assim, os *analistas* seguem na busca da lógica que governa esse Outro.

O Outro, enquanto ordem simbólica seria como o esqueleto da ordem cultural, a estrutura significante. De acordo com o pensamento lacaniano, a criança nasce em um mundo de linguagem, linguagem esta que a precede. As palavras que os pais usam para falar da criança, mesmo antes de seu nascimento, são palavras corriqueiras, usadas com frequência em seu meio social, por décadas, se não séculos, portanto, constituem o Outro da linguagem, ou o Outro como linguagem. A mãe, primeiro grande Outro da vida do indivíduo, é quem transmite essa estrutura significante. O próprio termo ‘constituição do sujeito’ pressupõe que o sujeito não nasce, mas é constituído pela linguagem, que se organiza em processos de condensação (metáfora) e deslocamento (metonímia) de elementos significantes que compõem o inconsciente.

O sujeito lacaniano seria uma instância representada na cadeia de significante que organiza o inconsciente, estando presente no intervalo entre um significante e outro. O sujeito do inconsciente não aparece no que é dito conscientemente, mas no que se diz sem querer, nos *lapsos*, nos *atos-falhos*, nas trocas de palavras. Não constitui algo

---

<sup>12</sup> Esta teoria se refere ao conceito de *Estádio do Espelho*, originariamente do psicólogo francês Henri Wallon, que afirma que, ao final do primeiro ano de vida a criança já esboça o processo pelo qual passa a reconhecer somente algumas partes do corpo, chegando ao momento em que o concebe-o como uma unidade, um ‘eu corporal’, atingindo a representação como totalidade antes do terceiro ano. Lacan se apropria dessa teoria, porém introduz sua própria leitura deste processo, afirmando que a imagem que a criança vai perceber como unidade não é sua própria imagem, mas a imagem que foi projetada para ela por sua mãe/pai/família/Outro. A imagem especular seria, então, imaginária, já que constituída a partir do olhar do Outro (Bastos, 2003).

permanente, não tem existência para além de um furo no discurso. Manifesta-se no cotidiano como uma irrupção transitória de algo estranho; aparece como um impulso que imediatamente se desvanece. O sujeito de Lacan aparece como um ‘eu’ escondido que a *análise* procura trazer à tona: um ‘eu’ que assume a responsabilidade pelo inconsciente.

Nesse sentido, o sujeito aparece como sendo a própria divisão entre consciente e inconsciente, surge quando o *infans* se da conta da alteridade de si com o corpo materno. Tal alteridade se institui mediante a intervenção paterna, que rompe a relação imaginária e alienante de complementaridade entre desejo do filho e desejo da mãe. Assim, passa-se da relação dual mãe-filho, para uma relação triangular mãe-pai-filho, essencial para a descoberta da socialização<sup>13</sup>. De acordo com a teoria lacaniana, é o pai quem priva a criança do objeto de seu desejo, proibindo-lhe a posse da mãe e, com isso, impõe-lhe a Lei Simbólica, representada pelo ‘Nome-do-Pai’<sup>14</sup>. A figura paterna, para fazer o efeito de interdição, deve ser legitimada pela mãe, posto que só assim a palavra do pai será reconhecida como tal pela criança. É a interdição paterna que marca a divisão subjetiva em consciente e inconsciente. A figura paterna é a condição para a estruturação psíquica e, simultaneamente, determina o status de *sujeito desejante* ao indivíduo.

Segundo Safatle (2001), a psicanálise tem a “tendência” em compreender socialização e constituição subjetiva como movidas pela internalização de “processos de identificação” que, grosso modo, seria atuar a partir de modelos e de orientação para os modos de desejar, julgar e agir. Trata-se de alienar-se, ter seu modo de desejar e sentir moldado por um Outro<sup>15</sup>. Dessa forma, tudo se passa na teoria lacaniana como se o conflito e a contradição entre o ‘eu’ da consciência e o sujeito do inconsciente produzisse um sofrimento psíquico inerente a estruturação subjetiva. A *análise*, ao se propor escutar o sujeito do inconsciente, se afirma como ponte conciliadora entre as duas esferas

---

<sup>13</sup> De acordo com a teoria lacaniana, a intervenção paterna na relação mãe-criança é fundamental porque é ela quem retira o ‘eu’ da alienação no corpo da mãe, fazendo o sujeito constiur-se por si mesmo. A não intervenção paterna, ou o não reconhecimento de sua figura como representante simbólico da Lei, resulta nas estruturas psicóticas e perversas.

<sup>14</sup> A identificação pela qual a Lei simbólica se introjeta na consciência da criança proporcionar-lhe-á um *nome* como o significante originário de si, conferindo-lhe a singularidade. De acordo com Lacan, a lei primordial que proíbe o incesto é uma lei de linguagem: triunfo da cultura sobre a natureza.

<sup>15</sup> Assim, segundo Safatle, a clínica lacaniana seria uma forma de crítica da alienação, já que entende como alienação de si a existência de algo no interior do si mesmo que não é um Eu, mas uma essência de si recalcada justamente pelo advento do Eu, “Digamos que é nesse Si *mesmo* estranho ao Eu, um Si *mesmo* que Lacan chama de ‘sujeito’, que encontraremos o *desejo*” (Safatle, 2001:33).

constituintes do ser, sendo este o objetivo de ser procedimento terapêutico por excelência.

## O SUJEITO E O DESEJO METONÍMICO

De acordo com Elia (2007), ao interiorizar a *Lei*, representante simbólico da figura paterna, o indivíduo insere-se de vez no mundo social, já que é barrado, cindido entre esfera consciente e inconsciente, e levado a recalcar o objeto fundamental de seu desejo; tal objeto seria o próprio desejo da mãe, ou seja, deseja-se ser o objeto de desejo da mãe, no entanto, o desejo materno está em constante mudança, já que a mãe passa a desejar outras coisas que não só o bebê, como o pai, por exemplo. Nesse sentido, a criança é levada a aceitar o fato de que não é o único interesse da mãe, e o significante desse desejo persiste no inconsciente e insiste em se representar na experiência subjetiva dos indivíduos. Para desvendar as marcas legadas ao *aparelho psíquico*<sup>16</sup>, o processo *analítico* necessita retornar ao gozo primevo, na relação da criança com a mãe. Assim, de acordo com Helena:

*A psicanálise esta sempre querendo livrar o sujeito desse imaginário de que o outro esta sempre querendo alguma coisa da gente e que a gente tem que saber o que é para ser acolhido. Não é assim que as pessoas vivem? ‘O que será que eu fiz pro fulano? Não entendo, faço tudo que ele quer, mesmo assim não da certo’; ‘quando faço o que ela diz que esta querendo, sempre é outra coisa’. Isso quer dizer que nunca sei o que o outro quer de mim e que estou o tempo todo querendo saber para ser acolhido no amor puro. Basicamente isso é o que nos inaugura na vida, o bebê, esta sempre buscando fazer o que a mãe deseja para ser acolhido no amor dela e a gente carrega isso ao longo da vida, esse é o sofrimento neurótico. Isso é recorrente mesmo que não esteja explícito na fala da pessoa, a questão do que fazer para ser acolhido no amor do outro, na neurose, é sempre assim. Isso faz parte da constituição da nossa subjetividade. A gente se inaugura como sujeito dependendo do amor do outro, não tem como se inaugurar como pessoa se isso não acontecer.*

Para Helena, quando as pessoas afirmam “Fulano não era assim, ele mudou”, na realidade, não é que Fulano tenha mudado, o que muda é a percepção do sujeito sobre a projeção que se fez no outro, como se a este já não coubesse mais proporcionar os

---

<sup>16</sup> Categoria nativa que expressa certas características que a teoria freudiana atribui ao psiquismo. Sugere a idéia de uma certa organização, ou disposição interna, que liga diferentes funções psíquicas em uma dada ordem de sucessão temporal determinada. Tal noção é descolada do sentido anatómico de sistema psíquico.

prazeres primevos que o indivíduo segue buscando incessantemente<sup>17</sup>. Segundo a *analista* Beatriz, deve chegar o momento em que o sujeito se dê conta de que talvez não precise atender a todas as demandas que lhe dirigem, que não precisa ser o objeto de desejo do outro, e, geralmente, seria na *análise* que a pessoa chega a essa compreensão:

*A psicanálise não tem essa preocupação em manter os laços, não trabalhamos para destruí-los, mas também não vamos trabalhar para preservá-los se isso faz mal para o sujeito, por exemplo, um casamento onde a pessoa é sufocada, você vai trabalhar para que ela deixe de ser uma pessoa sufocada, mesmo que isso implique no fim do casamento (...) a psicanálise parte do princípio de que, se não existisse o Outro, eu também não existiria como sujeito, agora, na medida em que vou sendo constituído vou tendo minha própria subjetividade, e a análise proporciona que este sujeito tome as rédeas da própria vida e a conduza.*

A psicanálise contribui para que as pessoas construam sua própria individualidade, no entanto, segundo os psicanalistas da clínica, não há possibilidade da psicanálise ser considerada uma terapêutica que trabalhe a favor do individualismo, posto que ela parte da importância do laço social para constituição subjetiva do indivíduo. Para ela, o individualismo se refere ao indivíduo antes da *análise*, preocupado com si, narciso, buscando ser o que o outro quer, estar no centro das atenções, responder aos desejos de outro, e quando se é ignorado e não correspondido nessas demandas, gera o *mal-estar*.

Segundo Safatle (2001), a teoria lacaniana se baseia numa crítica da alienação do ‘eu’ e na defesa do caráter negativo do desejo; admitir que o próprio desejo é o desejo do Outro, faz a individualidade entrar em colapso. Assim, a clínica direciona o sujeito a reconhecer o desejo como a presença do negativo. Desmascarando a completude imaginária ‘eu’, a *análise* propõe colocar o sujeito diante do vazio de sua ‘falta estrutural’, de sua *falta a ser*. Assim, de acordo com a psicanálise lacaniana, o real desejo do sujeito não seria pela completude, esta é imaginária, está calcada no narcisismo, na idealização do “eu”; o que deve se desejar mesmo é a falta, posto que a satisfação

---

<sup>17</sup> De acordo com Fink (2008), os analisantes relatam os atributos que desempenham papel na “escolha do objeto”, como cor de cabelo, cor dos olhos, uma determinada maneira de olhar, o timbre de voz, enfim, atributos que “resumem” tudo o que realmente se deseja do outro. Essa maneira específica de olhar, por exemplo, pode ser o que, inconscientemente, causa seu desejo, estimulando um desejo que não pode ser extinto por todas as qualidades superiores reivindicadas pelo ‘eu’, como uma pessoa carinhosa, bem-humorada, bom provedor, boa mãe ou bom pai, etc. É o olhar causador de desejo que determina para o indivíduo o que Freud chamou “escolha de objeto”. No caso do parceiro, que por alguma mudança no relacionamento, for incapaz de reproduzir tal olhar, o indivíduo pode abandoná-lo e seguir em busca de uma relação que evoque o desejo causado por tal maneira de olhar.

possível estaria no ‘enlace do vazio’, como se ela circundasse o objeto, sem nunca apreendê-lo.

Assim, na teoria lacaniana, a noção de desejo estaria relacionada a um vazio, o qual não haveria objeto possível de satisfação absoluta. Nesse sentido, o desejo se realiza sempre de forma parcial, na medida em que o encontro com um objeto produz apenas remissão ao objeto mítico, reabrindo a insatisfação e relançando o desejo em uma incansável circularidade metonímica, estabelecendo uma seqüência indefinida de significantes que simbolizam objetos substitutos, condenando o indivíduo a passar a vida projetando essa falta em todo e qualquer elemento ou pessoa com quem se relacione.

Se o desejo é metonímico, a Pessoa, em Lacan, seria estruturalmente insatisfeita. Esse *desejo metonímico* seria responsável pela produção dos sintomas e, conseqüentemente, do sofrimento psíquico. De acordo com a psicanalista Ana, o ser humano padece de um desamparo e de uma *falta estrutural* iniciada com o nascimento: *já nascemos perdendo, já que no momento em que se ganha a vida se tem a possibilidade da morte, ou seja, perda da completude, perda da totalidade, o ser é inerentemente faltante.*

A falta como *um modo de ser do sujeito*, aparece em Lacan como uma estrutura característica do indivíduo moderno. O *processo analítico* busca fazer com que o indivíduo se de conta de sua condição de *sujeito desejante*, como se esta fosse característica elementar da condição humana, como expressa o psicanalista Valter:

*A questão da cura é complexa na psicanálise, porque a própria constituição do ser humano o obriga a viver na insatisfação, isso não é uma característica de cada um em particular, isso é uma coisa da estrutura do ser humano, nós somos condenados à insatisfação, isso é o que caracteriza o ser humano, essa insatisfação é que lhe permite ser um sujeito desejante. Então, a psicanálise não vai curar, essa insatisfação não tem cura, é da estrutura. Se propor a essa cura significa a morte subjetiva do ser humano, porque seria retirar ele da condição desejante, e isso tem que ser preservado. O que a psicanálise vai propor é o indivíduo conseguir conviver com essa falta que lhe é estrutural, sem fazer sintoma disso. A cura como o indivíduo em completa satisfação, isso não existe, e a psicanálise nunca se propôs a isso, isso é do imaginário, a pessoa pode até procurar essa ilusão, mas cabe a psicanálise ir desiludindo ele pouco a pouco para que ele suporte essa verdade que é do humano, uma verdade existencial. Ter tudo, não dá, estar completamente satisfeito, não dá, mas diante desse quadro, muitas coisas há pra fazer, pois a psicanálise*

*trabalha sempre com prazeres possíveis, o prazer dentro daquilo que é possível pela estrutura humana, e aquele indivíduo que nos procura não está tendo nem o possível, então, se ele conseguir o que lhe é possível, já é um progresso, e isso não é pouco, você concorda?*

Podemos dizer, enfim, que a noção de Pessoa firmada pela psicanálise lacaniana se sustenta no/pelo *desejo metonímico*, uma vez que a subjetividade é organizada pela *falta estrutural* que constitui o *sujeito desejante* do inconsciente. É a partir daí que se desenrola todo o mecanismo de interpretação terapêutica incorporada pelos *analistas* como um sistema de pensamento ordenador da experiência e da realidade. De fato, ao invés de propiciar um *auto-conhecimento*, como acreditam os indivíduo que se submetem à *análise*, a psicanálise parece estar a serviço da produção de uma “auto-consciência”, ou seja, uma consciência de si moldada de acordo com uma lógica específica de subjetivação, conforme aponta Russo (1993) “os lacanianos afirmam que a psicanálise desconstitui a noção de indivíduo (o ‘eu’ ou o ‘ego’) para colocar em seu lugar a de ‘sujeito do desejo’” (Russo, 1993:28).

De acordo com Sahlins (2004), a vida no Ocidente, engendrada com o desenvolvimento da lógica liberal de produção, define-se pela incansável busca por felicidade, uma busca que nunca chega a lugar algum, já que essa felicidade nunca de fato se atinge, produzindo sentimentos como apatia, vazio interior, melancolia e fracasso<sup>18</sup>. A noção de liberação promovida pela psicanálise lacaniana estaria na percepção adquirida pelo indivíduo de que ele não é tão livre e autônomo quanto gostaria, e nem pode ser, uma vez que é determinado pelas relações sociais e constituído por uma *falta estrutural*.

Segundo Deleuze e Guatarri (1976), não haveria uma distinção entre o desejo individual, imanente e uma organização social hostil à realização desse desejo, como o operador lógico do “mal-estar da civilização”. Na teoria do desejo de Lacan, o objeto seria produto da falta e, assim, o desejo é concebido como produtor de um imaginário que vem duplicar a realidade, uma produção mental mediada por mecanismos de

---

<sup>18</sup> Por meio dos ideais capitalistas de produção, os desejos acabaram sublimados social e moralmente e, o que na Antiguidade era escravidão humana aos desejos do corpo, tornou-se, na moderna visão burguesa, a liberdade humana essencial, “(...) tudo se reduziu à triste e simples idéia da vida como um movimento em direção às coisas que fazem o sujeito sentir-se bem e para longe daquelas que o ferem. Digo ‘triste’ porque qualquer um que defina a vida como a busca da felicidade tem de ser cronicamente infeliz” (SAHLINS, 2004:605).

produções reais. Nesse sentido, de acordo com Deleuze e Guatarri, não haveria, de um lado, uma produção social de realidade, e, do outro, uma produção desejante individual, mas sim relações de introjeção e projeção, como se as práticas sociais se atualizassem em práticas mentais interiorizadas. Tal lógica nos remete a relação entre organização social e psiquismo, já que capitalismo e psicanálise se interiorizam e se projetam um no outro. Nesse sentido não haveria um dualismo entre o objeto racionalmente produzido e a produção fantasmática inconsciente, mas antes uma continuidade, ou, coextensão, entre campo social e desejo. O desejo seria eminentemente social, produzido e determinado historicamente; o *sujeito desejante* seria, então, produto de uma organização social específica, engendrada na/pela cultura ocidental, e não uma realidade psíquica deslocada da realidade material da produção social.

Podemos, então, dizer que a noção de Pessoa operada pela psicanálise lacaniana em todo processo terapêutico diz respeito a uma lógica de pensamento arraigada na tradição ocidental moderna e balizada pelo sistema capitalista de produção, que necessita de sujeitos cronicamente insatisfeitos, possuidores de uma “infelicidade estrutural”. Com isso, a psicanálise de Lacan mostra-se como uma das teorias e práticas terapêuticas mais pessimista e, ao mesmo tempo, fatalista acerca da existência humana, já que desacredita qualquer equilíbrio, bem-estar e completude dos sujeitos, propondo-se a fazer com que os indivíduos lidem, e aceitem, a realidade desejante, sem prometer-lhes a possibilidade de uma felicidade oriunda da satisfação com o que se pode ter ou, ao menos, da falta desse *desejo metonímico*. Os seres humanos aparecem condenados ao desejo de prazer absoluto, assim como Adão, expulso do Paraíso fora condenado à mortalidade e à imperfeição. Esta reflexão se esvai para debates muito mais complexos e extensos, mas não menos interessantes que, no entanto, extravasam os limites que se pretende estabelecer neste presente trabalho.

### **O MECANISMO DE INDIVIDUAÇÃO OPERADO NO PROCESSO ANALÍTICO**

O indivíduo, enquanto categoria operada na moderna configuração de valores, gera um procedimento cognitivo acompanhado de um modo de significação dos sentimentos mais esgarçado, privatizado e atomizado, diferentemente do que ocorre em outros sistemas sociais. Na sociedade ocidental moderna, a determinação psicológica é suposta "*a priori*". Segundo Fonseca (2003), para Foucault o indivíduo moderno estaria

preso à sua própria identidade pela consciência de si. Nesse sentido, a consciência de si se constitui de acordo com um *modus operandi* que serve de corolário imaginário da ideologia individualista, como uma moldura para os modos de sentir a si próprio e o mundo.

De acordo com Goldman (1996), seguindo a proposta teórica de Dumont, encontramos no pensamento moderno uma fenda entre a ideologia, o ideal, o que se imagina, e a realidade, o que de fato acontece. Interessa-nos aqui essa distinção que se estabelece entre ideologia e realidade no seguinte sentido: se os seres são socialmente determinados, e se a ideologia individualista é um conjunto de representações sociais, os indivíduos seriam determinados por esta ideologia que nega a própria determinação social. Nesse sentido, coloca-se em questão a existência, de fato, do indivíduo, pois, de um lado, trata-se apenas de uma representação, uma idealização oriunda de um período sócio-histórico específico; por outro, para que tal representação ilusória e imaginária seja sustentável, é necessária a existência de situações nas quais tal representação se torne verossímil para o sujeito e seus pares. Para Russo (1993), este engodo moderno seria a chave para que se instaure uma certa *malaise*, que se expressa no sentimento de incompletude e de falta de conhecimento de si experimentadas por indivíduos que se pensam unos, autônomos e livres. Este paradoxo serve como mecanismo explanatório da demanda psicanalítica, já que responde a permanente procura de si de sujeitos que se pensa despossuído de si mesmo.

Lacan, segundo Safatle (2001), parte em busca de uma reconfiguração da noção de normal e patológico, mostrando como a constituição do 'eu' do homem moderno, com suas exigências de individualidade e autonomia, coloca em funcionamento uma dinâmica de identificações e desconhecimento de si própria à paranóia. A cura dos indivíduos modernos estaria ligada a uma *dissolução* do 'eu', uma experiência no limite da despersonalização.

A psicanálise afirma trabalhar com a cisão do indivíduo, relativizar o dualismo filosófico de corpo e alma, emoção e razão. O sujeito psicanalítico não seria uno, total, centrado em si mesmo, como o modelo de indivíduo dumontiano. Estaria longe de ser representado como um 'eu' que exerce domínio sobre sua vida, pois ele é



originariamente descentrado, dividido entre duas instâncias psíquicas, sendo o consciente submetido às determinações do inconsciente.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a psicanálise não opera uma oposição entre indivíduo e sociedade, mas ao contrário, o conflito psíquico pressupõe a inerência da sociedade nos indivíduos. A própria noção de oposição com o social é trabalhada na *análise* como imanente a ideologia imaginária do ‘eu’. Na teoria lacaniana, o ‘eu’ é quem busca ser completo, no sentido de sua unidade e totalidade, tendendo a rebelar-se ante as determinações “exteriores”, que, muitas vezes, encontram-se como parte dele mesmo. Assim, a psicanálise atende numa sociedade cuja cultura seria responsável por um sofrimento subjetivo inescapável aos indivíduos.

É possível dizer que a individualidade no ser e no agir reverbera de forma prejudicial à vida mental dos indivíduos. Mas a questão é que, paradoxalmente, os sofrimentos subjetivos são tomados como responsabilidade do indivíduo, as situações e eventos que lhe causam desconforto e aflição são tomadas como se fossem exclusivamente produzidas e concernentes ao próprio indivíduo e, assim, só podem ser reconhecida como um problema individual. Isto faz com que todo *processo analítico* se envolva em,

“quimeras do indivíduo que, lavando-os a lutar em um *front* onde não está o inimigo, lança-os num paradoxo que, se os faz sofrer, é também o único meio de escapar. Só acreditando que os problemas são seus poderá o indivíduo procurar, na vida ou demandando auxílio, uma solução sua – a única que em geral lhe resta” (FIGUEIRA, 1981:157).

Dessa forma, a psicanálise seria uma teoria que se diz não individualista, mas que opera “envolta por um halo de individualismo” (Figueira, 1981:153). De acordo com Russo (1993) a psicanálise não pode ser considerada individualista no sentido ingênuo do termo, uma vez que pressupõe a sociedade constituindo a Pessoa, mesmo que a cultura represente um *mal-estar*. No entanto, a técnica terapêutica funciona por individualização. A teoria não enfatiza o indivíduo, mas a prática sim, os universais contidos na teoria psicanalítica ganham sentido na medida em que experienciados na singularidade do *processo analítico*. A interpretação *analítica* opera por um processo dialético que vai da universalidade da teoria à singularidade do indivíduo.

Se na psicanálise lacaniana, a verdade do sujeito esta em seu inconsciente, o ‘eu’ da consciência, da razão, do livre-arbítrio, seria uma espécie de ‘ficção imaginária’ que o *processo analítico* denuncia e desvenda. De certa forma, podemos dizer que só seria possível a existência e a eficácia da psicanálise, num universo cujo valor central recaia na categoria indivíduo, uma vez que a terapêutica é demandada por seres que se constituem a partir da “ficção individualista”. E, a despeito desse indivíduo imaginário, só resta à organização da singularidade. Assim, segundo Russo (1993), a psicanálise opera por meio de um processo de singularização, remetendo cada *analisante* à sua história particular, dissolvendo as ilusões representadas pelo individualismo moderno, que enfatiza a igualdade e a liberdade, mas propondo a singularidade e especificidade de cada um no reconhecimento do próprio desejo, e das determinações do Outro.

Quando se ouve psicanalistas e *analisantes* falarem sobre o *processo analítico* e seus efeitos, não raro encontramos as palavras “independência”, “liberdade”, “autonomia”, “não determinação do Outro”, parece que a condição *sine qua non* da própria técnica seria legitimada por uma interpretação individualista acerca do que lhes acontece. A técnica psicanalítica opera a partir de “relações sociais”, pressupondo-as a todo momento, mas aparatada por pessoas que se pensam como indivíduos, e que buscam (re)constituir uma individualidade fragilizada por relações cotidianas conflituosas. O *paciente* psicanalítico aparece como um consumidor ansioso de reassuramento de sua subjetividade autêntica, de um aprofundamento de sua vida própria, para, só assim, conseguir da melhor forma (re)estabelecer as relações sociais, de forma que estas sejam agradáveis tanto a si próprio quanto para o outro (Figueira, 1981).

Assim, se a psicanálise não se considera a favor da ideologia individualista, é reconhecida por esta como espaço privilegiado para constituição da individualidade. As pessoas buscam a terapêutica para darem conta de si, buscando uma independência frente ao Outro, como se as determinações do Outro, ou do social só pudessem ser reconhecidas na intimidade individual. Esse reconhecimento do social em si é o que caracteriza a noção de Pessoa enquanto indivíduo, e a psicanálise não pode estar deslocada deste discurso, pois é articulada pelo mesmo contexto sócio-cultural.

## FINALIDADE TERAPÊUTICA, OU A GESTÃO INFINITA DO SOFRIMENTO

Para psicanálise, viver sem se haver com a dor da falta, seria algo inumano, uma vez que a subjetividade é por ela constituída. Nesse sentido, para que serve, então, a psicanálise? Como a demanda apreende a eficácia terapêutica, uma vez que tal processo não objetiva a cura?

Segundo Birman (1978) o estabelecimento pela psicanálise de um corpo simbólico que se contrapõe ao corpo anatômico desdobra uma oposição fundamental entre saber médico e saber psicanalítico. A enfermidade se reduz a um conflito que se estabelece pela impossibilidade de realização do prazer, sendo a terapia o processo de restauração desta dimensão *recalcada* mediante *análise* das representações inconscientes. A cura deixa de ser a simples eliminação do sintoma, considerado não mais como uma formação parasitária e orgânica mas uma construção significativa, sendo sua transformação objetivada pelo resgate de recordações que remontam os primeiros anos de vida.

A psicanálise não se considera como terapia, não se propõe eliminar definitivamente o sofrimento, mas sim proporcionar ao *paciente* a possibilidade de *analisar* qual a origem do sofrimento, por que e como ele se manifesta. Segundo as psicanalistas, o objetivo da psicanálise seria trabalhar sobre a autonomia com a qual o indivíduo possa vir a se relacionar com seus sintomas<sup>19</sup>, já que estes seriam a expressão de um conflito inconsciente. Para a psicanalista Ana, o sintoma pode ser entendido como um processo inerente ao funcionamento psíquico das pessoas, à forma como a subjetividade é constituída. A intenção da psicanálise, enquanto prática terapêutica, não seria sanar o que se entende por *mal-estar*. A cura se constitui como sendo o próprio tratamento, ou seja, a cura não significa o fim do tratamento, mas seu processo. Os sintomas são definidos pela psicanálise de forma estritamente subjetiva, não há categorias sintomáticas que se agrupam em determinados grupos de características nosológicas pré-estabelecidas, nem teriam uma causação única, aqui os sintomas falam, seriam um conjunto de elementos particulares a cada pessoa, referente a seu posicionamento idiossincrático frente aos eventos, sentimentos, relações e a si mesmo, e que carecem de significação. Segundo Helena,

---

<sup>19</sup> O sintoma aqui trabalhado, estaria dentro de uma categoria nosográfica genérica, que é a neurose.

*Sintoma é uma manifestação do inconsciente, é a função do recaiado, então, só se dá na neurose. Ele tem a mesma formação do sonho, do chiste, ato-falho, é um elemento inconsciente que consegue aparecer na fobia a alguma coisa, escolhas esquisitas, no fracassar sempre. Sintoma aqui não é a mesma coisa do sintoma médico, sintoma é efeito do inconsciente que tem uma satisfação pulsional, só que faz a gente sofrer, é satisfação mas é sofrimento ao mesmo tempo.*

Obviamente, este sintoma psicanalítico não seria algo experienciado *a priori* da psicanálise, mas algo *elaborado*, ou construído, pelo indivíduo ao longo das sessões, a partir de sua história pessoal, é sobre ela que o sintoma adquire sentido, delineando os limites da ação terapêutica.

Para que ocorra *análise*, é preciso que o *analisante* deseje se livrar de seu sofrimento. Embora tal afirmação pareça óbvia, no pensamento psicanalítico, deixar de sofrer exige dedicação, seria algo penoso, como se fosse necessário o esforço no comprometimento com tal mudança de posicionamento, pois nem sempre as pessoas estão dispostas a isso, e preferem a comodidade de seu sofrer, *resistindo* às interpretações e apontamentos oferecidos pela terapêutica. Cabe ressaltar que, em *análise*, a visão que se tem do 'eu', a concepção sobre si, passa a ser um tema sobre o qual recai toda dúvida. Tudo que se afirma, leva ao questionamento do contrário. De acordo com os psicanalistas, a *análise* altera a maneira como o indivíduo encara as experiências vividas e a posição que ocupa nas relações. Lacan afirma que sua clínica objetiva afastar as dimensões ideais, imaginárias, fazendo com que o *analisante* encare de frente o fato de que as coisas, e pessoas, não estão ao alcance de sua mão como gostaria.

Para Safatle (2001) a singularidade de Lacan está em sua recusa a aceitar qualquer forma de redução organicista dos fenômenos mentais, pensando a clínica em vista dos processos de formação da subjetividade. Nesse sentido, o sujeito é considerado em sua história pessoal, na (re)descoberta das significações de eventos passados e atuantes na conduta presente do indivíduo. Através do método de *associação-livre*, o objetivo terapêutico é sempre a reminiscência. Nesse sentido, o presente está sempre em dialética com seu passado, expressando o conflito entre as formas individuais de satisfação e as normas sociais de conduta.

Como já vimos, a psicanálise não trabalha com as noções de adoecimento e cura,

pois não há como curar um *mal-estar* estrutural aos indivíduos. O que se proporciona, então, é uma mudança no posicionamento da pessoa ante aos eventos que a levam a sofrer. Assim, o sintoma a ser tratado na *análise* se expressa como aquilo que incomoda, provoca desprazer, dor, tristeza, ansiedade, angústia, enfim, é a razão que leva a pessoa a demandar psicanálise. O sintoma não seria algo patológico, apenas fonte de sofrimento, segundo Helena,

*Nada é um acidente de percurso, não é uma pedra no meio do caminho, como é no entendimento de um diagnóstico de depressão no campo médico e psicológico, como uma coisa que aparece como se fosse uma gripe e que você tem que eliminar, ou com remédio ou com o tratamento para voltar a ter aquele bem-estar anterior, a saúde como um estado homogêneo, estável e que pode ser adquirido. Na psicanálise não existe essa noção de bem-estar, o ser humano é marcado exatamente por essa condição de conflito, idéia de ser a pessoa dividida em duas ordens de funcionamento conflitantes, que é a ordem consciente e a ordem inconsciente. O mal-estar faz parte da subjetividade.*

A diferença que se mostra existir entre a psicanálise e outras abordagens psicoterápicas é que na primeira, o indivíduo é levado a internalizar o problema, como se o problema fosse inerente à sua subjetividade, como se ele próprio fosse a causa e a razão de seu sofrimento, e assim, não haveria como sanar tal aflição. Outras vertentes, como a comportamental-cognitiva, trabalham com a idéia de estímulos externos, algo vindo de fora e que se instala no corpo/mente produzindo o sofrimento, seria algo que pode ser localizado já que não faz parte do ser, e por isso mesmo, passível de cura.

Os *analistas* entrevistados nesta pesquisa relataram as transformações operadas pela psicanálise em suas vidas. Todos afirmaram terem se posicionado de uma forma diferente em seus relacionamentos, pois passaram a pensar primeiro em si, ficando mais críticos para algumas situações, e menos para outras, liberando-se de certas *amarras* impostas pelos relacionamentos. As pessoas que se submetem a essa terapêutica assimilam essa necessidade de independência em relação ao outro como se estivessem sob um processo de fabricação de uma nova percepção de si. Os *pacientes* relatam que com a terapia passam a mostrar as próprias vontades, expressar o que desejam ou não, sendo este novo posicionamento nos relacionamentos o maior ganho fornecidos pela terapêutica. A incorporação dessa concepção terapêutica pelos *analistas*, se expressa na noção adquirida em relação aos próprios sofrimentos; todos afirmam que a “cura” para

seus sofrimentos não existe, e que a terapêutica, se tivesse um fim, ainda estaria longe de ser alcançado.

A terapia tem por função reduzir a intensidade dos conflitos individuais, abrandar os mecanismos de defesa, transformando a condição neurótica em tensão normal constituinte do ser (Foucault, 2002). Podemos afirmar que a psicanálise toma para si a responsabilidade da gestão interminável e infinita do conflito pelo indivíduo, como se este não pudesse jamais se deslocar de uma posição originária de desamparo e sofrimento.

A psicanálise se propõe a tratar o incurável, ou seja, desloca-se o foco terapêutico da atenção ao sintoma (a doença), para os sintomas idiossincráticos; o cuidado é específico a cada indivíduo, sem haver uma padronização do modelo de doença e cura. Tudo se passa como se houvesse distinção no tratamento de psicopatologias que podem ser curadas por um modelo científico universalmente estabelecido, daquele voltado para os “problemas existenciais”, referentes às exigências individuais, que não se baseia na cura, mas no direito a satisfação dos desejos. Assim, os efeitos terapêuticos apreciados pelos *analisantes* expressam a incorporação da noção de *sujeito desejante* operada pela psicanálise lacaniana, balizando novos modelos de subjetivação que organizam não só o sofrimento psíquico, como engendram novas formas de percepção de si. Assim, podemos dizer que a psicanálise atua mediante a construção de uma noção específica de Pessoa, em estreita relação com o contexto sócio-cultural em que se insere.

A própria concepção de saúde e doença torna-se outra para quem se submete a este tratamento. A sanidade estaria mais relacionada à capacidade de conter e aliviar os conflitos do que de resolvê-los, ou eliminá-los definitivamente. A psicanálise lacaniana afirma que a pessoa é insatisfeita por conta de sua estrutura subjetiva, o desejo seria interminável. Na visão dos *analisantes*, é como se, na impossibilidade de parar o vento, resta-lhe alterar a direção das velas, ou seja, o saber elaborado sobre si na/pela psicanálise leva os indivíduos a novos posicionamentos subjetivos, mas não contribui em nada para solução de seus conflitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria e prática terapêutica engendrada por Lacan não cessa em constituir uma forma de pensamento que permite um acesso privilegiado às lógicas de sentido e significação que permeiam a organização da cultura ocidental acerca dos processos de individuação, relacionado ao entendimento e resolução do sofrimento psíquico. Os processos de subjetivação operados se servem de um método genealógico de apreensão da história pessoal, mediante a elaboração de um mito individual composto por um conjunto de fatos, atitudes e pensamento entendidos como sintoma, permitindo a nomeação e significação de sentimentos até então incompreensíveis, ou mesmo, inexistentes. Os indivíduos que se submetem a este tratamento passam a elaborar uma nova forma de entendimento de si, elaborando uma concepção dialógica entre fenômenos internos e externos, em que os primeiros se encontram em posição privilegiada frente aos segundos, operando uma hierarquização entre subjetivo e objetivo.

De acordo com Figueira (1978), a psicanálise pode ser considerada como um sistema simbólico<sup>20</sup>, capaz de fornecer, em momentos de crise e/ou sofrimento subjetivo, uma *Weltanschauung* que lhe é própria, propondo uma terapêutica voltada a sanar as dificuldades experienciadas pelos indivíduos. É necessário que o indivíduo assimile tal *Weltanschauung* como princípio ordenador de sua experiência social e particular, aderindo seus mecanismo interpretativos para todos os eventos que lhe cercam. Esta incorporação se relaciona com a produção de um discurso elaborado e coerente, legitimados pelo código cultural em que se insere a terapêutica. De acordo com Berger “a psicanálise, em todas as suas formas, pode ser vista como um mecanismo institucionalizado de conversão, no qual o indivíduo modifica não só suas idéias a respeito de si próprio, como a respeito do mundo em geral” (apud Figueira, 1978:73). As interpretações psicanalíticas funcionam como um sistema de persuasão, que faz com que o indivíduo acredite que realmente fora motivado por tais fatos e eventos, que realmente pensa de determinada forma, e passa a enxergar os problemas, infortúnios e conflitos sob um novo ângulo, sob uma nova luz. Os *analisantes* passam a adotar uma peculiar percepção do mundo e de si.

---

<sup>20</sup> Este sistema simbólico é entendido como matriz de significados socialmente objetivados e subjetivamente tomados como verdadeiros. A biografia individual passa a ser entendida como acontecimentos significados dentro deste universo simbólico específico.

Segundo Deleuze e Guatarri (1976), a cura na psicanálise se esvai para o interminável. Os obstáculos para uma finalização da *análise* seriam o “rochedo da castração”, a aptidão ao conflito e as resistências não localizáveis. Com isso, o sistema de pensamento psicanalítico nos coloca a seguinte questão: não há pessoas mentalmente saldáveis? Se tudo se reduz ao Édipo, sendo este o mecanismo explicativo para toda a medição das estruturas psíquicas; se todos são reduzidos à condição patológica pelo primado da edipianização e da castração, todos seriam infelizes crônicos, sem chance para cura. Tal colocação, ou se torna um grave problema enfrentado pela psicanálise, já que ela se assume incapaz de solucionar os problemas trazidos por seus *pacientes*; ou então, a afirmação de que todos são mentalmente comprometidos constitui-se uma fórmula conveniente para a terapêutica, já que somente ela estaria apta a “aliviar” os sofrimentos estruturais inerentes a todos os indivíduos.

Assim, se todos somos loucos incuráveis, o que seria a normalidade? Esta ambigüidade presente no primado terapêutico psicanalítico aparece como a pedra de toque dos críticos deste modelo terapêutico, pois, uma terapêutica que não se aplica segundo meios empiricamente observáveis e cuja terminabilidade e cura inexistem, de fato, se encontra em delicada situação, principalmente em tempos de avanços crescentes nas tecnologias neurológicas e na indústria farmacêutica.

De toda forma, enquanto sistema simbólico, a psicanálise oferece um mapa capaz de ordenar a experiência social dos indivíduos que o acolhe, e funciona como um dossel de símbolos integrativos que nos permite acessar uma noção de Pessoa contornada pela invenção, produção e construção de realidades psicológicas, tais como: o inconsciente como matriz determinante de processos mentais, sendo a consciência levada por esta instância desconhecida a ações, cujo significado verdadeiro não se pode compreender; o indivíduo seria ignorante em relação as suas próprias motivações e desejos, e incapaz de interpretar seus próprios pensamentos; a sexualidade torna-se aspecto fundante para sua realização; e a infância passa a ser o período chave do destino subjetivo.

Além disso, a psicanálise parece assumir o aspecto de uma mitologia ocidental, já que sua eficácia aparece balizada por um sistema de códigos orientadores de sentimentos, emoções e afetos, que organiza a experiência subjetiva do grupo social no qual está inserida. A eficácia simbólica operada na psicanálise consistiria na propriedade indutora



de uma transformação psíquica, que se constitui na reorganização estrutural, conduzindo o doente a viver intensamente um mito, ora produzido, ora recebido, “Essa forma moderna da técnica xamanica, que é a psicanálise, tira, pois, seus caracteres particulares do fato de que, na civilização mecânica, não há mais lugar para o tempo mítico, senão no próprio homem” (Lévi-Strauss, 2003b:236).

O mecanismo terapêutico de cura dos sintomas psicanalíticos cede lugar a uma eterna decifração do sentido, que articula linguagem e produção de desejo. O sujeito lacaniano é desejante, e o desejo que o constitui, metonímico. O indivíduo seria constituído pela falta e submetido a uma lei que o ‘asujeita’, em vista de um o desejo como motor constituinte, funcionando por meio de um movimento metonímico, deslizando incessante de um objeto para outro, sem nunca atingir a satisfação total.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO, Maria Carolina A. Dores da alma: etnografia do sofrimento psíquico com indivíduos de camadas médias. In: *VII RAM - Reunião de Antropologia do MERCOSUL*, Jul/2007, Porto Alegre – RS.

ANTONIO, Maria Carolina A. Psicanálise e Capitalismo: reflexão antropológica acerca da relação entre demanda psicanalítica e sistema capitalista de produção. In: *II Congresso Latinoamericano de Antropologia – ALA*, Jul/2008, San José – Costa Rica.

ANTONIO, Maria Carolina A. “Nas Profundezas do Inconsciente”: análise antropológica do sofrimento psíquico nos centros urbanos. In: *32º Encontro Anual da ANPOCS – Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais*, Out/2008, Caxambú, Minas Gerais.

BASTIDE, Roger. *Sociologia e Psicanálise*. São Paulo: Ed. USP, 1974.

BATESON, Gregory. *Naven*. Stanford: Stanford University Press, 1958.

BERGER, Peter. Para uma compreensão sociológica da psicanálise. In: FIGUEIRA, Servulo (org). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Alvez, 1980.

BASTOS, Alice Beatriz Iziq. *A Construção da Pessoa em Wallon e a Constituição do Sujeito em Lacan*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BIRMAN, Joel. Demanda Psiquiátrica e Saber Psicanalítico. In: FIGUEIRA, Sérvulo (org). *Sociedade e Doença Mental*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1978.

BIRMAN, Joel. O Mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. In: *Physis*. v.15.supl.0. Rio de Janeiro: 2005, p.203-224.

CARDOSO, Marina. Antropologia das emoções ou ‘somatização’ da teoria social? Em defesa da Sociologia. In: *Revista Olhar*. São Carlos: Edufscar, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

DUARTE, Luis Fernando D. Pessoa e Dor no Ocidente – o “holismo metodológico” na antropologia da saúde e doença. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 4, n.9, 1998.

DUMONT, Louis. A modified view of our origins: the Christian beginning of modern individualism. In: CARRITHERS, Michael; COLLINS, Steven; LUKES, Steven. *The Category of the Person*. Cambridge University Press, 1985.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: Edusp, 1992.

ELIA, Luciano. *O Conceito de Sujeito*. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

FINK, Bruce. *O Sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

FIGUEIRA, Sérvulo. Notas Introdutórias ao Estudo das Terapêuticas I: Lévi-Strauss e Peter Berger. In: FIGUEIRA, Sérvulo (org). *Sociedade e Doença Mental*. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

FIGUEIRA, Sérvulo. *O Contexto Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

FONSECA, Márcio Alves da. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Ditos e Escritos I*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

GOLDMAN, Marcio. Uma categoria do pensamento antropológico: a noção de pessoa. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, 1996, v.39.n.1.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Natureza e Cultura. In: \_\_\_\_\_ *As Estruturas Elementares do Parentesco*. 3ª.ed. Petrópolis: Vozes, 2003a.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A Eficácia Simbólica. In: \_\_\_\_\_ *Antropologia Estrutural*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003b.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução a Obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003c.

MALUF, Sônia Weidner. Antropologia, Narrativas e a Busca de Sentido. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 5, n.12, p.69-82, dez.1999.

MAUSS, Marcel. A Expressão Obrigatória dos Sentimentos. In: MAUSS, Marcel. *Mauss*. São Paulo: Ática, 1979.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do ‘eu’”. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e Antropologia*. Cosac Naify, 2003b.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUDINESCO, Elizabeth *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

RUSSO, Jane. *O Corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

RUSSO, Jane. Os Três Sujeitos Da Psiquiatria. In: *Cadernos do IPUB*. n.8. Rio de Janeiro: 1997a.

RUSSO, Jane. A Concepção Moderna de Pessoa e Seus Paradoxos. In: *Seminário Internacional de Estudos em Antropologia da Saúde “Cultura & Saúde Mental”*, São Paulo, novembro de 1997b.

RUSSO, Jane. Sobre a Neutralidade. In: FIGUEIRA, Sérvulo(org). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Alves, 1980.

RUSSO, Jane. *O Mundo Psi no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

SAFATLE, Vladimir. *Lacan*. São Paulo: PubliFolha, 2001.

SAHLINS, Marshall. Tristeza da Doçura, ou a Antropologia Nativa da Cosmologia Ocidental. In: SAHLINS, Marshall. *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro, 2004.

SAHLINS, Marshall. *The Western Illusion of Human Nature*. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2008.